

**BANQUETE DE DESIGUALDADES:
HOMENS E MULHERES EM *SYMPOSIUM*, DE MURIEL SPARK.**

Dez pessoas reunidas em torno de uma mesa para comer, conversar e se conhecer melhor não seria algo estranho em nossa sociedade. Com as mudanças nas relações humanas, as pessoas cada vez mais se vêem distanciadas umas das outras e absorvidas pelas duras exigências das sociedades capitalistas. Pequenas reuniões, entre amigos ou pessoas que mantêm uma relação familiar ou profissional, passam a configurar o que de mais próximo à intimidade existe em tempos de crise nas relações interpessoais. Assim, o pertencimento a grupos sociais definidos passa a ser restringido.

O mundo capitalista, em se tratando da obra de Muriel Spark, passa a ser representado de uma forma irônica com o intuito de mostrar o quanto ele é absurdo, principalmente devido à presença de um narrador que revela ao leitor que alguns convidados “acabaram de se conhecer” e denota como as relações estão distanciadas. Ao se iniciar a leitura, o grupo de comensais, em geral pertencentes à classe média alta ou à alta classe, parecem não ter relação nenhuma entre si. A conversa em torno de assuntos triviais e superficiais dá a impressão de tratar-se de uma reunião na qual, por acaso, pessoas estranhas entre si encontram-se e decidem reunir-se.

No entanto, quando a narrativa começa a revelar as relações, até então aparentemente inexistentes entre as personagens, passa-se a reconhecer a sociedade à qual pertencem tais personagens. As relações, aparentemente casuais, logo revelam aprofundar-se em termos sociais. A construção de uma sociedade em que as formas de ver o mundo passam por mudanças permite entender a forma como os personagens sparkianos constroem sua realidade, pois revelam seus pensamentos e sentimentos por meio da forma como agem e falam.

Ao dar voz às suas personagens, Spark pretende revelar a opressão que a sociedade exerce sobre o ser humano. Desta forma, pode-se observar que para lidar com as pressões sofridas, as personagens se vêem ante desafios e influências diversas, as quais vão de encontro às suas necessidades. Observa-se, inicialmente, que para pertencer a um determinado grupo social estas personagens necessitam daquilo que Lloret (1998) define como fatores de “pertença existencial”, ou seja, de elemento que, segundo a estudiosa, são necessários para o ser humano se configurar como pessoa e se relacionar com as demais: um vínculo (caráter), uma identidade (nome) e uma idade.

Lloret considera que o discurso da igualdade entre os grupos diversos (idade, sexo, etnia, cultura, etc) não oculta a hierarquização a que se sujeitam. Tal hierarquia baseia-se nos conceitos da realidade atual e da memória coletiva, embora seja manipulada a partir de “políticas gerenciais” dos meios de comunicação que pode gerar “atributos” ou desvios sem levar em conta a complexidade existencial e as relações sociais envolvidas. Assim, é uma forma de normatizar o que se pode ou não fazer, bem como estabelecer “modelos socialmente sancionados” a que se deve obedecer.

Se for levado em consideração que no início da narrativa Spark não é muito amigável com o leitor, em razão de desejar dar a impressão de ser difícil colocar os membros do banquete em um mesmo patamar social, alguns pontos logo podem ser evidenciados pela leitura. Freeman (2002) afirma que os personagens gozam, geralmente, de status social e simbolizam a elite cultural de um país: “the characters are educated, sophisticated inhabitants of metropolitan life, for whom evening drinks and chat about philosophy are commonplace” (p. 128).

No entanto, o fato de ocuparem posição social ou intelectual privilegiada, não explica a relação que pode ser estabelecida entre os convidados de Chris Donovan e Hurley Reed. Os anfitriões, uma viúva rica e um pintor americano,

preocupam-se em reunir pessoas economicamente poderosas, bem como especialistas (em línguas, história ou artes visuais) como forma de representar a realidade, a qual pode significar um processo de encaixe, enquadramento, dentro de moldes muitas vezes irrealis e supérfluos.

Mais supérfluos e fúteis são os assuntos que mantêm os convidados em contato durante todo o banquete: casamento, crenças religiosas, roubos. Adotando-se a premissa de que nas modernas sociedades capitalistas o indivíduo encontra-se em uma posição secundária, pode-se mencionar que isto se realiza na obra de Spark ao se verificar que aquilo que seria mais profundo ao ser humano encontra-se banalizado por discursos vazios. A alienação do indivíduo e conseqüente esvaziamento das relações humanas tornam a realidade, desta forma, instável e de difícil apreensão. Como conseqüência, a realidade é totalmente invadida pelo absurdo.

É importante que se tenha em mente, diante de um texto de Muriel Spark, um fator observado por McQuillan (2002) que, ao discorrer sobre a formação de seu estilo, a autora afirma que a arte “realista” necessitava de uma “redistribuição das possibilidades romanescas”, cujo resultado foi a defesa da sátira e do ridículo como formas de entendimento do político e como resposta “à barulhenta pseudo-realidade” influenciada pela mídia.

Em meio a este barulho, cujo ruído incômodo chama a atenção dos leitores, encontra-se uma personagem sparkiana que representa a luta entre classes, embora tenha por função primordial revelar as obscuras relações que se estabelecem no mundo moderno entre os aspectos sociais e pessoais. Em *O Banquete* (1996), de Muriel Spark, Maggie depreende sua busca por inserção social e, para isso, cria a imagem de uma jovem altruísta e ingênua cuja “tendência moralista e sua recusa em falar mal de qualquer pessoa” chamava a atenção das pessoas e as surpreendia.

Também os atributos físicos devem ser levados em consideração, pois ao se considerar que Margaret trabalha no setor de publicidade, é possível associar seu comportamento a uma grande campanha para construir uma imagem que lhe permitira atingir seu objetivo. Essa imagem é explorada de forma mais intensa reafirmada quando a jovem se apresenta ao casal de anfitriões do jantar, dias antes de sua realização. Para impressioná-los, ela se envolve “em veludo verde com um pano de fundo com paisagens outonais”, a fim de dar um tom de “exaltação” à beleza feminina e ganhar a empatia de pessoas que poderiam servir-lhe de referência, principalmente do pintor, Hurley Reed.

A estranha cena composta remete, inicialmente, às figuras os quadros do movimento artístico pré-rafaelita, liderado por Rossetti, em que belas mulheres eram retratadas em cenários outonais em que predominavam os tons de verde, marrom, vermelho, os quais apresentavam como ideais mais marcadamente presentes o motivo religioso e exaltação da beleza feminina. Tal comportamento parece excêntrico para as pessoas devido ao fato de Margaret assumir uma postura e aparência consideradas incomuns entre os jovens, cujo resultado era uma reação semelhante à do pintor, que se perguntava “o que havia de errado com ela” por se exibir neste estilo p. 30.

Apesar do cuidado com a aparência, a impressão que Margaret deixa registrada nas pessoas é de que algo está errado, de que há um ruído na mensagem que deseja transmitir, pois para os receptores a mensagem não faz nenhum sentido, não tem lógica. Margaret age continuamente como se desempenhasse um papel numa peça de horror como uma personagem esquizofrênica que não soubesse definir sua própria personalidade, se ativa ou passiva “portadora da tragédia”. Ainda que seu comportamento e todos os atos ilógicos premeditados tenham por finalidade pô-la no

comando de suas vidas, muitas vezes nota-se que seu fracasso é tão evidente que não lhe parece haver outra opção senão colaborar com o próprio fracasso.

Nas sociedades de origem tradicionalmente machista, o pensamento predominante é de que as mulheres que lutam por autonomia são consideradas rebeldes e, por conseguinte, devem ser contidas, impedidas de falarem publicamente contra o sistema predominante. Nestas sociedades, o percurso das mulheres é sempre marcado pela omissão do direito postulado por elas e, por conseguinte, o confronto de interesses contrastantes resulta, tradicionalmente, na derrocada das revoltosas.

Mesmo que Margaret não tivesse forçosamente manipulado o ambiente para causar boa impressão aos visitantes, o estranhamento não advém somente deste fato, mas de apenas sua presença manter as pessoas alertas quanto a um perigo eminente: daí o medo que sentem. Apesar de bonita, reconhecem nela um lado selvagem, perigoso, que identificam pelos cabelos ruivos como labaredas terríveis e infernais e pelos dentes protuberantes que parecem as presas de um animal feroz e selvagem prontas para atacar suas vítimas. Estes elementos visuais constituem um conjunto impressionante que se torna referência recorrente aos outros personagens que, por se sentirem incomodados, desejam muda-la ou anula-la.

O que se revela, ante esta dificuldade encontrada por Margaret para adentrar um espaço social restrito, está mais ligado à sua origem. Por ser escocesa, a sociedade londrina olha para ela de acordo com os estereótipos dos quais esta referência cultural está carregada. Ao se notar que a personagem é apresentada principalmente pelo narrador e pelos anfitriões e seus convidados, deve-se levar em conta que as opiniões e os fatos àquela endereçados devem ser vistos com suspeição.

Contrastadas as tradições londrinas e escocesas, pode-se entender porque Margaret representa tamanho perigo para a sociedade burguesa, pois passa a ser vista como o “outro”, algo que se opõem às regras, ao padrão, à norma.

Scottish have traditionally been defined in opposition to the civilized and moderate centre, but so too have they enjoyed the terms of opposition to the putative material comfort and narrow consciousness of that centre, and Spark's characters play out this interdependence *Symposium* plays with the cultural artifacts by which collective identity in the land of her birth is forged, manipulated, trivialized, shaped and misshaped” (FREEMAN, 2002, p. 135)

As opiniões acerca da personagem estão repletas de estereótipos, os quais associam questões de nacionalidade com as de personalidade. Margaret certamente é uma escocesa de esplendor gótico, atraente, extraordinária e desconcertante, apresentada caricaturalmente como pelo binário: extremamente normal e excessivamente estranha. Ainda apegados a uma visão tradicional de uma outra cultura, os burgueses sparkianos limitam as possibilidades de respeito e entendimento das necessidades do indivíduo.

Podemos afirmar que as influências externas ao grupo social que estabelece contato entre membros tão distintos, revelam como as relações de alteridade se constroem em meios sociais em que há limitação do contato entre pessoas e, conseqüentemente, prejudicam uma visão aproximada dos indivíduos envolvidos. De acordo com Larrosa e Lara (1998), o outro é construído “num processo social e cotidiano” instituído pela família, pela escola e outros meios de convivência em que haja “práticas do poder político e as construções intelectuais”, como os meios de comunicação, em que se estabelece a cultura da diferença.

Vista como o *outro* do grupo ao qual deseja pertencer, Margaret afinal sofre as conseqüências da luta que decide empreender. Tendo em vista as dificuldades de comunicação que se instituem nas sociedades modernas, aqueles que emitem um discurso incongruente e contrário ao padrão são considerados loucos, como anti-sujeitos culturais. Perdida sua identidade, Margaret percebe o quanto o comportamento tradicional – que se apegava às divisões de classe para tratar dos indivíduos – está fora de seu alcance.

Mas, em razão das constantes mudanças que se verifica no mundo como um todo e nas sociedades modernas, os conceitos e atitudes tradicionais não mais têm espaço, perderam sua validade a partir do momento em que as formas de entender o ser humano e mundo passam por mudanças. Entendidos por sua complexa heterogeneidade, os homens não mais são “tipos”, não se enquadram a um único modelo que torne das demais pessoas capazes de compreender aquilo que lhe é particular: sua necessidade de auto-realização.

Com relação às necessidades promulgadas pelas mulheres, Margaret simboliza as novas atitudes a serem tomadas pelas integrantes de seu grupo: assumir o controle de sua vida e exigir o ingresso das mulheres aos meios sociais de forma a serem membros ativos. O comportamento destas mulheres “novas”, modernas, assusta aqueles que se apegam à imagem tradicional de mulher: insegura, frágil e incapaz. Estas novas personagens sociais não querem mais se enquadrar em modelos limitantes e preconceituosos de mulher, pelo contrário, querem ter o poder de definir sua própria personalidade, de descrever seu destino conforme seus próprios desejos e de mostrar ao mundo a recusa aos padrões comportamentais impostos.

Livres para agirem, as mulheres sparkianas passam pelas pressões e limitações características das vivências de seu grupo. Isto se observa em Margaret que,

dona de sua vida e de seu destino, não é mais a “passiva portadora da tragédia”. Mas a mulher deve estar pronta para se ver ante a possibilidade de não realização de seus projetos quando assumir seu desejo de autonomia e se recusar a viver na margem, pois o grupo que tradicionalmente ocupa o poder (o patriarcado) se utiliza de uma violenta exclusão social.

As restrições ao acesso à informação, à liberdade de falar em público, assim como a limitação do espaço ao lar e de sua atuação “social” aos afazeres domésticos, são formas de violência às quais as mulheres estiveram acostumados por muitos anos. No entanto, seus desejos e ansiedades as levaram a lutar pelo direito de construir sua própria história, de assumirem uma posição contra a autoridade a elas impostas bem como de se fazerem ouvir.

Os questionamentos com relação à importância da mulher na sociedade e na cultura resultaram em várias reflexões sobre o assunto e as mulheres, ofuscadas pela presença e vontade masculinas, passaram a ter uma atuação mais significativa como ser humano e “ser de papel”. Passou-se a questionar, ainda, as raízes culturais das desigualdades e, como consequência, os questionamentos levaram a uma nova atitude ante a sociedade – o que resultou em uma busca por autonomia das mulheres. Ainda que muitas exigências tenham sido ouvidas, a situação das mulheres não melhorou muito, pois o discurso político-social não se efetivou em ações que garantissem a igualdade entre os grupos das mulheres e dos homens.

Desta forma, torna-se elucidadora a afirmação de Lloret (1998), de que o discurso da igualdade entre os grupos diversos (idade, sexo, etnia, cultura, etc) não oculta a hierarquização a que se sujeitam. Também afirma a autora que tal hierarquia baseia-se nos conceitos da realidade atual e da memória coletiva, embora seja manipulada a partir de “políticas gerenciais” dos meios de comunicação que pode gerar

“atributos” ou desvios sem levar em conta a complexidade existencial e as relações sociais envolvidas. Com relação às mulheres, são vistas por seus “atributos sexuais, estéticos e procriativos que também determinam posições do grupo social” p. 19.

Em *O Banquete*, ainda que a mulher busque exaltar a estética padronizada, que pode ser um fator da inserção social que Margaret deseja, verifica-se um discurso incongruente. Para a sociedade, falar da mulher é falar de algo ainda indefinido, pois a imagem da personagem, aos olhos das outras personagens oscila entre a bruxa feroz e temida e a doce rainha do lar, que trata seu marido como a um filho. Ao explorar a imagem de madona moderna, Margaret apenas consegue revelar-se aos que a vêem como uma mulher que amedronta, ainda que busque mudar sua aparência para dar outra idéia. Esta “madona” não é mais aquela mulher passiva de séculos passados, é a mulher contemporânea, ativa social e culturalmente, que exige seu espaço, ainda que fracasse ao perseguir seu ideal.

Conseqüentemente, Margaret é apresentada por um discurso incongruente, o qual lhe nega a definição de sua real personalidade, principalmente se for dada uma maior atenção ao fato de sua história ser contada por um narrador em terceira pessoa ou por outras personagens do romance. Quando lhe é permitido expressar o desejo de assumir o controle de sua vida e participar “ativamente na provocação de desastres”, a personagem (e o leitor) comprova sua falta de autonomia.

Na obra de Muriel Spark, a apresentação da realidade a sob uma ótica que valoriza uma sociedade tecno-midiática, permite ao leitor perceber a falta de comunicação entre as pessoas, assim como a confiança que elas têm em discursos carregados de convenções ideológicas. Os conceitos da mídia, quando aplicados à realidade, tornam-se responsáveis por construções ideológicas que segmentam cada vez

mais a sociedade. Enquanto reforça estereótipos, a mídia trabalha em um projeto que vai de encontro ao trabalho de grupos minoritários que buscam visibilidade.

A invasão midiática pode ser notada de forma mais evidente em *O Banquete* ao se averiguar que praticamente todos os atos de violência são registrados pela mídia, principalmente aqueles que colocam Margaret numa posição suspeita: a morte da avó, o assassinato no convento, a morte da colega de escola e o sumiço da professora. Como instrumento para reforçar a ideia de que as mulheres não pertencem ao meio social masculino, que elas representam um tipo de perigo à sociedade, a mídia colabora oferecendo documentos comprobatórios deste conceito.

Esta situação remete, particularmente, à realidade descrita pelo grupo das mulheres e combatida pelo engajamento político do movimento por elas realizado. As pressões sociais que pesaram sobre elas podem ser observadas nos romances sparkiano ao nos defrontarmos com as personagens femininas que compõem o universo romanesco da autora. Não obstante ganhem maior destaque, são elas as personagens que se vêem ante a necessidade de lutar por um espaço e, por isso, sofrem mais pressões e enfrentam muitas situações conflitantes.

No universo sparkiano, contudo, enquanto se verificam mulheres que podem ser agressivas, egoístas e manipuladoras também se observa a presença de homens frágeis e inseguros, como contraste a elas. Talvez se possa afirmar que isto se deve ao fato do movimento das mulheres ter enfraquecido a hierarquia sexual e questionado os conceitos de homem e mulher. As novas construções propostas pelas mulheres, quanto a estes conceitos, podem ter permitido que também os homens se engajassem nas reivindicações e passassem a novas práticas político-sócio-sexuais.

REFERENCIAS:

GARCIA, R. A propósito do outro: a loucura In: LARROSA, J. e LARA, N. P. de (orgs.). **Imagens do outro**. Trad. Celso Márcio Teixeira – Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p. 24-46

LLORET, C. As outras idades ou as idades do outro. In: LARROSA, J. e LARA, N. P. de (orgs.). **Imagens do outro**. Trad. Celso Márcio Teixeira – Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p. 13-23.